

Para Ibope, uma vaga só resta no segundo turno

L.C.MARANHAO
Correspondente

Rio — O cenário traçado pelo principal executivo do Ibope, o mais conhecido Instituto de pesquisas do País, Carlos Augusto Montenegro, 35 anos, contraria a idéia de que o fenômeno Fernando Collor de Mello é passageiro. Montenegro não arrisca prognósticos definitivos, mas pelos conceitos que emitiu nesta conversa com o **CORREIO BRAZILIENSE**, um indicativo escapou nitido: o candidato do PRN já está no segundo turno da disputa presidencial. Pelo menos se forem consideradas suas observações.

Quando faz o diagnóstico da expectativa do eleitorado brasileiro, o discurso de Carlos Augusto Montenegro se aproxima incrivelmente do próprio Fernando Collor: "Nestas eleições o que vai ocorrer é o confronto do novo contra o velho". Como Collor, Montenegro entende que os conceitos de

"esquerda e direita" só existem entre os políticos que gostam de se rotular. "A discussão ideológica não está incorporada no seio da sociedade", considera.

Na atual campanha eleitoral, no exame do diretor-executivo do Ibope, o passado não condena. "Isto não vai valer de nada", comenta, rechaçando argumentos de que a história recente dos candidatos, especialmente a de Fernando Collor, que foi prefeito biônico e votou em Maluf no Colegio Eleitoral, possa comprometer, no futuro, posições de favoritismo. Aliás, a próxima pesquisa do Ibope, com divulgação prevista para domingo, dia 11, confirma a curva de franca ascensão do candidato do PRN que "cresce em cima de todos os candidatos e também de indecisos".

Montenegro admite que "uma eleição onde 85 por cento do eleitorado nunca votou para Presidente, é

uma caixinha de surpresas". "Ninguém pode transformar a pesquisa numa bola de cristal". Afirma, porém, que "se ninguém pode garantir hoje que o Collor ganhará as eleições, muito menos pode afirmar que ele irá perder". A palavra de Montenegro é a do Ibope, um instituto com 42 anos de existência.

IDEOLOGIA

Montenegro não só desmistifica a idéia de opções ideológicas do eleitorado, como afirma que a fragilidade da instituição partidária no País faz com que as pessoas se sobreponham aos partidos. "Há 30 anos é assim. Estamos cheios de histórias de candidatos que venceram eleições com pequenos partidos".

No aspecto ideológico, o diretor do Ibope recorre ao exemplo das eleições passadas. "Nos cruzamentos que fizemos, a segunda opção de voto ia de um extremo a outro, como ocorre hoje". "Vai de Brizola a

Maluf, de Collor a Lula". Informa. "Não existe este jogo ideológico e nem vale a estrutura partidária. O que vale para estas eleições é a expectativa de mudança, como valeu em novembro".

De qualquer forma, Montenegro ressalva que "cada eleição é uma eleição", especialmente esta que é presidencial e de dimensão histórica. "A eleição para prefeito é aquela em que o sujeito vota como quem votasse em um síndico, para manter a cidade limpa, manutenção de serviços, principalmente pelo poder reduzido dos executivos municipais, com a centralização de recursos nas mãos da União".

O diagnóstico de Carlos Augusto Montenegro não é nada animador para os candidatos que identificam como fundamental para a reversão do quadro atual o horário gratuito na televisão e no rádio, como é o caso de Leonel Brizola, do PDT.